

JAIME MONIZ



Nuno Crato está à frente da 'Iniciativa Educação' e veio ao Funchal assinar um protocolo com o Governo Regional para ajudar os alunos do 1.º ciclo que têm dificuldades na leitura.

“ESTA GERAÇÃO DE ALUNOS TEVE AZAR”

Nuno Crato, professor catedrático e ex-ministro

MIGUEL FERNANDES LUÍS
mfluis@dnoticias.pt

A 'Iniciativa Educação' vai implementar na Madeira, em parceria com a Secretaria de Educação, o programa 'Aaz' que pretende ajudar os alunos a lerem mais e melhor. Como é que se concretiza esse objectivo? O programa tem várias fases. Numa primeira fase há uma identificação dos alunos com mais dificuldades, que é feita em conjunto com os professores titulares de turma e através de um sistema de avaliação que foi desenvolvido por nós em colaboração com a Universidade do Minho. Os alunos com dificuldades têm depois um programa que lhes dá um apoio específico sobre leitura, três, quatro ou cinco vezes por semana, com meia hora a

COM A PANDEMIA, AS PERDAS COGNITIVAS DESTES JOVENS SÃO REAIS E MUITO GRANDES

45 minutos, em grupos muito pequenos ou mesmo individuais. Esses períodos são muito bem estruturados. Começam com a leitura de um texto para dar um modelo ao aluno do que é ler e do que é um bom leitor. Logo em seguida, conforme o nível em que o aluno está, tem uma série de exercícios de leitura acompanhado pelo professor tutor. Acabada a sessão, o aluno regressa para a aula

da sua turma e no dia seguinte ou dois dias depois terá outra sessão, com continuidade. Estes alunos são avaliados de três em três semanas, com um sistema que é igual para todos os alunos do país envolvidos no programa e que permite ver como é que eles estão a evoluir nas diversas métricas (rigor e precisão de leitura, fluência e velocidade de leitura e capacidade de ler com automatismos). Há ainda uma série de aspectos complementares que são focados neste programa, como a análise do vocabulário e análise morfológica (constituição das palavras). Já desenvolvemos este programa há algum tempo, com a pandemia teve alguns problemas, mas que enfrentámos através do ensino remoto nos casos em que isso foi absolutamente

obrigatório e com o ensino presencial local nos casos em que isso foi possível.

Quais são os indicadores dos resultados deste programa? O programa tem apresentado taxas de sucesso e que são medidas por um parâmetro simples. Fomos ver se os alunos que estão neste programa, que são alunos que partem de um nível de leitura mais baixo, estão a alcançar os seus colegas na média da turma. E a resposta é que sim. Estão a evoluir mais rapidamente que os alunos não incluídos no programa. Mas ajudando os alunos com maiores dificuldades a alcançar os níveis dos seus colegas está-se a ajudar a turma toda, porque estão aproximadamente ao mesmo nível e verifica-se que passam a seguir todos aquilo que está a ser trabalhado e podem ir mais longe. Todos os alunos lucraram com um programa deste tipo. Na Madeira, neste primeiro ano, o programa está preparado para apoiar cerca de 40 a 50 alunos com dificuldades, mas vai incidir paralelamente sobre as suas turmas, num universo de 250 alunos.

O trabalho de apoio aos alunos com maiores dificuldades não é o que já se faz nas escolas? Nós não queremos substituir-nos a ninguém. Nós queremos colaborar com as pessoas que acharem que os nossos projectos têm interesse para a escola ou para a região. É um trabalho de apoio e colaboração com o que já se faz nas escolas. Há muitas escolas que não têm ainda capacidade ou a organização para dar este tipo de apoio extra aos alunos. Cada aluno tem o seu professor titular da turma e tem o apoio de um outro, o professor tutor, que lhe dá um apoio muito individual, específico e orientado para a leitura. Este programa é feito em extrema cooperação com os professores titulares de turma.

Esses professores tutores são contratados pelo vosso programa ou estão já no sistema de ensino? Há muitos modelos e casos. Na Madeira, a própria Secretaria Regional de Educação identificou um conjunto de professores que lhe pareceu, pelo conhecimento que tem da Região e desses professores, estarem especialmente vocacionados para colaborar como professores tutores. É uma bolsa de professores.

Este tipo de apoio extra aos alunos que têm maiores dificuldades de aprendizagem não deveria ser estendido à sua disciplina de especialização, a Matemática? Possivelmente sim. Este tipo de apoios específicos devia alargar-se e as escolas estão crescentemente a reconhecer que é necessário. É preciso um esforço para ajudar certos alunos para que eles se elevem ao nível desejado para toda a turma.

Anunciou na assinatura do acordo entre a 'Iniciativa Educação' e a Secretaria de Educação que também gostaria de desenvolver na Madeira outro programa vosso, o 'Ser Pro'. Dos contactos que manteve com os responsáveis regionais, é previsível que este ve-



DEVÍAMOS DAR MAIOR ATENÇÃO A ESTA GERAÇÃO E ACELERAR A SUA RECUPERAÇÃO

QUEBROU-SE O MITO DO ENSINO DIGITAL. NADA SUBSTITUI O PROFESSOR E O ENSINO PRESENCIAL

na a ser implementado na Região? É muito possível, mas vamos por passos. O 'Ser Pro' é um programa de apoio à organização de cursos profissionais que tenham a colaboração das empresas e estejam vocacionados para as necessidades e para o desenvolvimento das regiões e que tenham desde muito cedo a possibilidade dos jovens terem uma formação em contexto de trabalho. Este programa é uma concretização daquilo que está concebido na lei sobre o ensino profissional mas distingue-se pelo facto das empresas entrarem cedo a ajudar na formação dos jovens.

No final do primeiro período, no regresso das crianças às escolas após o confinamento, defendeu que se deveria fazer uma avaliação de como tinha decorrido essa experiência de ensino não presencial. Essa avaliação já foi feita? Eu sou um grande partidário da avaliação, porque é algo de essencial para que todos possamos progredir. Foram feitas várias avaliações parcelares [do impacto da pandemia na educação] mas, em meu entender, agora que os alunos vão regressar plenamente ao ensino presencial é muito importante perceber o ponto em que estes alunos estão para saber o que é que podemos fazer para melhorar. O que nós temos de fazer para estes alunos é acelerar o processo de aprendizagem. Em vez de pensarmos que existem dificuldades num ponto e vamos ficar a rever todas as dificuldades, devemos é progredir os estudos de acordo com aquilo que está traçado e vamos voltar atrás quando necessário. É aceleração e não remediação.

Quais são os principais impactos da pandemia nesta área? Há problemas enormes no mundo inteiro. A geração que está na escola com a pandemia é uma geração que teve um azar imenso na vida, porque as per-

das cognitivas destes jovens são reais e muito grandes, mesmo com tudo aquilo que os professores, as escolas e os governos fizeram. Isso significa que os jovens estão menos bem preparados, que serão menos qualificados no mercado de trabalho e menos produtivos e por isso podem ganhar menos e a economia se desenvolve menos.

É uma geração perdida? É uma geração para a qual nós devíamos dar a maior atenção, para acelerar a sua recuperação e fazer com que eles cheguem ao fim da sua escolaridade tão perto daquilo que chegavam os outros que não tiveram a pandemia.

Está a ver vontade ou projectos no nosso país no sentido de se acelerar a recuperação das perdas cognitivas? É difícil avaliar.

Já agora, conhece soluções a nível mundial que possam servir de exemplo ao nosso país? Sim. Os franceses, os ingleses e os canadianos estão a pensar nisto. Há estados americanos que estão a pensar nestes termos, como o Mississippi... Há uma série de estados que estão muito preocupados em fazer esta aceleração de conhecimento neste momento.

A pandemia também veio desfazer o mito de que os meios digitais podiam substituir a escola física. Os próprios alunos não apreciaram propriamente a experiência do ensino online, que se verificou pouco eficaz não só em termos de aprendizagem como também pouco estimulante e recompensadora. É completamente verdade. Quebrou-se o mito de que o ensino por computador era o futuro. De facto, o que se vê é que nada substitui o professor, nada substitui o ensino presencial. Há duas ou três ideias em que eu tenho insistido muito desde o princípio. Uma delas é que é grave o que se está a passar com as perdas cognitivas e por isso temos de dar muita atenção à educação destes jovens. Outra ideia é a importância de acelerar em vez de remediar. E ainda esta questão, que ficou óbvia, de que a tecnologia não substitui o professor. O papel do professor continua a ser essencial.

A 'Iniciativa Educação' incentiva à leitura e à escrita com contacto com o papel mas há cada vez uma maior aposta no ensino digital e nos manuais digitais. Não são orientações opostas? O ensino digital deve ser um complemento. Há muitos estudos sobre isso e que demonstram que para certas coisas, como ler um romance, o digital e o físico são praticamente equivalentes. Mas para estudar o papel continua a ser melhor. E para trabalhar o papel e o lápis continuam a ser melhores.

A Madeira está a disseminar os manuais digitais. Mas isso é bom! É bom que existam os recursos digitais. Mas o que também é indispensável é que não se perca a atenção, pois os recursos digitais são um complemento ao serviço da formação e não são a formação.

DIÁRIO de Notícias

MADEIRA



“ESTA GERAÇÃO DE ALUNOS TEVE AZAR”

Nuno Crato, professor catedrático e ex-ministro da Educação, está a impulsionar programa para ajudar os jovens a lerem mais e melhor **P. 20 E 21**

BRÍCIO ARAÚJO APONTA “UM NOVO CAMINHO”

Lista do PSD/CDS para Santa Cruz conta com quatro mulheres **P. 5**

CINCO MORTES NA ESTRADA ESTE ANO

Ciclista abalroado por carro foi projectado 15 metros em estrada mal iluminada **P. 8**

FOTO HELDER SANTOS/ASPRESS

EM BUSCA DO “MUNDO EM ABERTO” NAS SELVAGENS

Expedição científica saiu ontem do Funchal para pesquisar, no extremo Sul do território português, microorganismos que podem curar o cancro e vestígios geológicos semelhantes ao solo de Marte **P. 7**



GASTOS COM A PANDEMIA ULTRAPASSAM OS 560 MILHÕES

Empréstimo contraído para financiar as medidas de apoio e mitigação da Covid-19 é insuficiente. Região tem orçamentado, até ao final do ano, mais 214 milhões para suporte social, empresarial e económico **P. 13**